O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

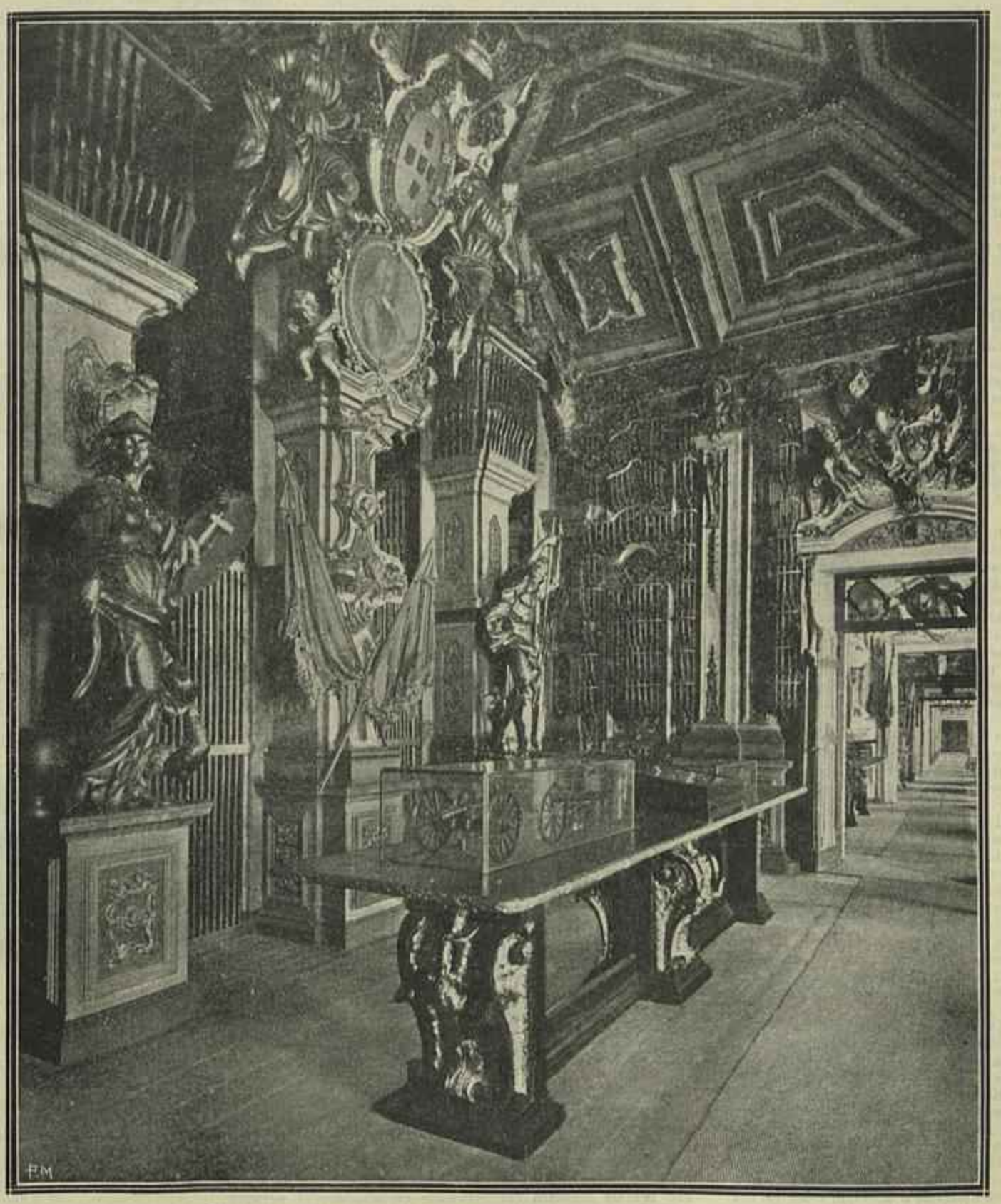
Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.ºs	Semest. — 18 n.ºs	Trim. — 9 n.ºs	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$130
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000		
Extrangeiro e India.....	5$000	2$500		

35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1189

10 de Janeiro de 1912

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.



MUSEU DE ARTIHARIA — SALA «D. JOÃO V»
(Cliché A. Bobone)

Cronica Occidental

Alvorecia lindamente. Colorido e nascente por malherbeano rosado, 1912 apareceu sorridente e gracil como sereno se finara 1911, senhor celebrisado com dois pausinhos... chinêses.

Anciosos de ajuizadela do ano procurámos ajuizado profeta para maestrinisar a sinfonia occidental. Meditávamos na escolha quando despenhando-se da estante, de livro em livro como de fragua em fragua, paira sob nosso olhar o misantropo de Molière. Severo Tristão, velhorro de bom senso e de má lingua abria-se a dizer-nos que:

O nosso tempo é fertil de elogios;
não vejo por aí parvos, ladrões, vadios,
que por esses jornaes os não apanhem.
....
.....*que a opinião é cega?*
a justiça venal? despotica a mentira?
calumniada a innocencia? o amor falseado?
e mira universal o interesse?

quem o nega? Logo desajuizado será o menino 1912.

A sociedade corrútamente se civilisará. Na escola da rua cursará ociosidade e megalomanismo. Senhoras buscarão aí o requinte do luxo, ômens amores infames. Nos animatografos estudará o vicio e o crime, o roubo e prostituição. Averá mais policia, triplicarão os gatunos porque á gatunos por aver policias... compadres. No teatro aprenderá pornografias, egualitarias ás tascas onde a embriaguez extrebucha e aos bordeis onde a lascivia reina magestosa. Continuando a decadencia moral, averá a reprise eterna desta

comedia infame! Essa gente a lá-moda,
nem eu posso expressar o quanto me incommoda.
.....
Mostre-me um ómem bom; não á. Neste, cubiça;
naquelle orgulho; noutro, a crapula sem pejo;
noutro o amor profanado; isto é mundo? ou despejo
das escorias do inferno? a falla, que era avida
por privilegio ùmano, e o dom maior da vida,
tornou-se a peor praga, e o maximo flagicio;
ela a que abate a ónra; ela a que exalça o vicio;
a que dá sem motivo, e sem motivo tira;
ela a mãe da mentira, e a filha da mentira;
a mentirosa mór, e sempre mentirosa.
Mentia se a poetar, tudo hoje mente em prosa.
E eu que o vejo, eu que o oiço, hei de ser tão infame
que me possa conter? Não.

Mentira, eterna mentira! Mentira a convenção social «não tornando cocotes nossas filhas porque são naturêsas diamantinas em quem o vicio não cala. No pessimo ambiente de universal ipocrisia, crescem aprendendo oje a mentir com curvas postiças e falsas fórmas, — carmins e falsas côres, — para mais tarde mentirem com sorrisos falsos e falsos amores.

Mentira o patriotismo politico de politicos tartufos. Mentira maldita, creadora de loucos crentes em amores, e criminosos fanatisádos por idolos.

O passado exemplifica. As incoerencias economicas e maus sensos administrativos avidos, são pronuncios desagradaveis. Ao pessoalismo exigente deve subsistir o humanitarismo social. As mulheres desligadas em vez de organisarem politicas ligas de colorido rabanetesco, dediquem-se acrisoladamente á educação amorosa do espirito, e cuidado de suas prendas.

Deixem-se os omens de impulsivos carbonatismos e idolatrias demagogicas, sejam prudentes e refletidos para reabilitarem esta patria moralmente decadente.

Escandalos terão logar comum. Haverá acumuladores de empregos e acumuladores de mulheres. Os filhos conhecerão falsos pais. Lá diz Camillo: «*Os filhos sabem lá quem são os pais! A gente é como os brutos.*»

Vergonha jámais averá. Diz-nos aqui uma dama escultural modelo academico, que «*a vergonha éra verde e comeu-a um burro atraz da porta.*»

Afirma Mantegazza ser o nosso seculo fisicamente nervotico, moralmente tartufo. E' o mais mentiroso dos seculos passados e futuros. 1912 honral-o á condignamente. Tudo será falso, desde o deficit orçamental á virgindade da menina olheirenta. Desde os talentos em embryão á palavra onrada da minha peixeira.

E aqui está ajuizado o ano que raiou de malherbeana côr, ruborisando-se de pudor ao rutilar deste sol tão genuinamente peninsular.

Solemnemente abrem-se salas e salões.

Naquelas rececionam-se as embaixadas democraticas, nestes exposicionam-se telas artisticas. Nas salas, um ancião sauda o povo seu irmão, seu igual, numa fraternisação avoenga, todo amor e bondade. Nos salões é Carlos Reis apresentando o seu *Fim do dia*, Saude *Uma pilada* em Santarem; é Trigoso oferecendo as suas telas violaceas e Cardoso os seus quadros amarelos-oiro; é Carneiro mostrando o seu trabalhinho de estudante aplicado, e na Liquidadora uma preciosissima garrafeira leiloada. E' por ultimo D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro nobilitando a industria rendeira com seus primorosos artefactos, e o povo bondoso, indiferente e reconhecido á memoria do immortal caricaturista omonymo reencasacando-se com a albarda das contribuições.

Entretanto, como nem sempre tristezas pagam décimas, vamos saudar a primacial atriz Virginia no serão Vicentino.

Nós.

Museu de Artilharia

Sala «D. João V»

Por vezes se tem escrito aqui sobre o Museu de Artilharia e o leitor que quizer conhecer sua historia, encontra-a nesta revista, muito especialmente no volume XXVIII de 1905 a pags. 2 e seguintes.

Hoje, reproduzindo na primeira pagina com que abrimos este 35.º volume, uma béla fotografia de Bobone, da sala deste museu, denominada *D. João V*, ao assunto da gravura nos restringimos.

Esta sala não é nem a mais rica ou a menos béla do museu, porque as cinco salas antigas são todas de egual belesa e do mesmo gosto, das quaes é esta a quarta que aqui se reproduz.

Por sua ordem, a sala *D. João V*, é a terceira que se encontra á esquerda quando se sobe a escada do lado da antiga frontaria do edificio que olha para o largo da Fundição. Esta sala é tambem denominada da *Asia*, como as outras quatro salas restantes se denominam: a primeira, *Europa*, ou da *Rainha*; a segunda, *Africa*, ou de *D. José I*; a quarta, *America*, ou a das *Armaduras*; a quinta sala de *Afonso de Albuquerque*.

Na sala *D. João V* vê-se o retrato deste monarca, num medalhão pintado a oleo, e colocado no alto da parede central, encimado pelo escudo das armas portuguêsas, seguro dos lados por dois anjos alegoricos, de béla talha dourada, assente o medalhão, seguro por dois genios, sobre um pilar, como misula, todo de madeira entalhada, conforme o estilo da época. Aos lados desta parte central e sobre pedestaes, erguem-se duas estatuas de madeira, douradas, representando a da direita, *Minerva* e a da esquerda *Netuno*.

O této é em caxotões, que fazem moldura a um grande quadro alegorico, que ali se vê, representando Vasco da Gama indicando no glôbo o itinerario da sua gloriosa viagem de descobrimento da India. Junto de Vasco da Gama está Afonso de Albuquerque mostrando a figura de Gôa que submeteu ao poder de Portugal. A figura da *Abundancia*, voltada para Gôa, despeja liberalmente as gemas da sua cornucopia. A' direita de Vasco da Gama, a figura do *Oriente*, representada num rajah, olha humildemente para o grande navegador. Por sobre esta composição adejam os genios da *Nação* e da *Fortalesa*, coroando os heróes. A' esquerda inferior do quadro, um anjo, representando a *Posteridade*, colhe um grande cortinado de seda oriental para mostrar os heroicos personagens.

Por toda a sala vêem-se trofeus de bandeiras, de armas e, dispostas pelas paredes em armeiros, estão 12:000 espingardas, 800 carabinas e 1:000 espadas, tudo antigo.

Ao meio da sala, sobre uma grande mesa, formada por uma béla pedra marmore assente sobre pés de madeira custosamente entalhada e dourada, estão caixas de vidro onde se vêem modelos de armões de artilharia com as respétivas peças, feitos nas oficinas do Arsenal do Exercito.

Sousa Viterbo

Uma sessão em homenagem á sua memoria, na Associação dos Arquitétos e Arqueologos Portuguêses

Um ano volvido sobre a morte de Sousa Viterbo, veio a Associação dos Arquitétos e Arqueológos Portuguêses, prestar publica homenagem á sua memoria, celebrando uma sessão solemne para inaugurar o seu busto, e para a leitura do elogio do ilustre morto, pelo dr. Alfredo da Cunha.

Essa sessão, realisada no dia 31 de dezembro, foi como que a chave de ouro a encerrar o ano de 1911, pelo menos nos limites da ciencia e da arte nacionaes, e a que o ilustre Presidente da Republica honrou com a sua presença, como a éla concorreu tudo que de mais seléto se conta na sociedade portuguêsa por seu valor intelectual.

A esta sessão assistiu tambem a viuva do homenagiado, a ex.ma sr.ª D. Sofia Virginia Leite de Sousa Viterbo e sua filha, a ex.ma sr.ª D. Sofia Clementina de Sousa Viterbo.

O busto de Sousa Viterbo, coberto com a bandeira nacional, foi descerrado pelo sr. Dr. Manuel de Arriaga, no meio de aplausos da assembleia, sendo muito apreciado o trabalho feito pelo escultor sr. Francisco dos Santos, artista de grande merecimento.

A' inauguração do busto, seguiu-se a leitura do elogio, pelo sr. dr. Alfredo da Cunha, ilustre director e copróprietario do *Diario de Noticias*, onde, desde 1889, Sousa Viterbo ocupava o logar de redactor efetivo, escrevendo a maior parte dos artigos editoreaes

O sr. dr. Alfredo da Cunha conhecia bem de perto Sousa Viterbo, como conhecia todos os seus trabalhos, e vastos são eles, por isso poucos poderiam falar do ilustre extinto com maior conhecimento e mais carinhoso aféto de antiga amizade, alumiando a toda a luz da justiça e da verdade, aquelle notavel vúlto da literatura portuguêsa que foi a um tempo, poeta, artista e cientista.

E' um trabalho completo o Elogio que tivémos a fortuna de ouvir lêr ao seu autor, e que melhor podémos apreciar na leitura do exemplar com que brindou esta redacção.

Esta revista, que tanto se honrou com a colaboração de Sousa Viterbo, quando uma vez ou outra a favorecia com os seus escritos, corre-lhe o dever de se associar á homenagem agora prestada, e para o fazer melhor não tem que socorrer-se do referido Elogio, como a mais justa e eloquente apreciação do homenagiado.

Dr. Alfredo da Cunha

E' desse elogio que, com a obsequiosa autorisação do seu autor, vamos transcrever alguns excreptos, tanto quanto quanto o espaço nol-o permite:

«Nenhuma colétividade cientifica, mais do que a Associação dos Arqueológos Portuguêses devia

a Sousa Viterbo a homenagem que lhe presta. E nenhum logar tambem, melhor e mais adequado do que o destas ruinas gloriosas, para acto de tão piedosa devoção. Desde as arcarias soberbas que nos cobrem até ás relíquias de longínquas eras que nos cercam, tudo aqui é de molde a constituir o scenário próprio, com a decoração condigna de uma tal solemnidade. Realisa-se, pois, no templo mais bélo e mais sugestivo que poderia deparar-se-nos, a ceremónia desta espécie de ritual afétivo e de liturgia sentimental, em que se exalta o nome de um homem que trouxe, toda a sua vida, os olhos amorosamente mergulhados nos factos e nas personagens dos tempos idos.

«Pêlas regiões distantes e inexploradas da história da literatura, da arte e das industrias nacionaes divagou Sousa Viterbo durante mais de trinta anos, estudando preciosidades arqueológicas, deletreando diplomas de paliografia quasi enextricável, perscrutando velharias de antiquário — objétos que para outros ficariam incompreensíveis na sua friêsa e na sua decrepitude.

.....

«Sob o tríplice aspéto do poeta, do erudito e do filósofo, ou, por outras palavras, do artista, do investigador e do crítico, deve apreciar-se a individualidade literária de Sousa Viterbo.»

E o sr. dr. Alfredo da Cunha, após analise literariamente primorosa pela poetica de Sousa Viterbo:

«...assim como na branda sentimentalidade das suas *Toadas* lembra alguns dos quadros mais suavemente impregnados de bucolismo e de melancolia de Silva Porto, assim tambem nos seus últimos sonetos eguala, no poder sugestivo da comoção, as estátuas mais vincadas de dôr de Soares dos Reis ou as télas mais fortemente tocadas de sombra da escola rembranesca.

«Por isso póde indubitavelmente dizer-se que foi um artista na expressão mais alta e mais completa da palavra. E não o foi só pelo muito que êle próprio cultivou a arte pura por meio da palavra escrita em prosa e verso: foi egualmente artista pelo muito que amou apaixonadamente todas as artes e os seus cultores, dos mais gloriosos aos mais modestos; e foi-o ainda finalmente pelo muitíssimo que se empenhou em aperfeiçoar o gôsto e a educação estética do povo, fazendo, pelo exemplo e pela prédica, uma constante e entusiástica propaganda do bêlo.

«E como não estava nunca satisfeito com a sua obra, além de defeituosa, reputava-a pobre de elementos recolhidos, não só por motivo dos seus males físicos, mas tambem por falta de auxílios oficiaes de que nunca beneficiou, como pouco favorecido que sempre foi pelas altas regiões da burocracia e da politica.

«Apesar das mil contrarieda les que o cercavam, e das doenças que o minavam. e das dificuldades quasi insuperáveis com que lutava nos últimos anos — e até principalmente por causa délas — espanta e maravilha a imensa obra de Sousa Viterbo.

«Miniaturista da indagação, como esses prodigiosos artistas iluminadores dos códices e dos livros de horas da Idade Média, deleitava-se com a verificação e estudo dos pequenos detalhes. Interessava-o as artes mais comesinhas e as industrias caseiras mais modestas.

A sua preocupação dominante era salvar do olvido ou resgatar do despreso injusto aqueles que, por serem mais humildes ou menos afortunados, andavam esquecidos dos historiadores e dos biógrafos.

«Só os artistas como Sousa Viterbo compreendem o que dos apagados esplendores fanáticos relatam e documentam as pedras dos templos e os retábulos dos altares, as custódias e as dalmáticas, os missaes e os livros de horas dos tesouros conventuaes ou palacianos. Só éles percebem e interpretam o que segredam de aventuras picantes ou de íntimas amarguras as rótulas dos côros ou as grádes das celas dos mosteiros abandonados; o que narram de sortidas heróicas ou de ciclópicos assaltos as ameias das muralhas desmoronadas ou as torres e fossos dos castélos desmantelados; o que proclamam os vaidosos sarcófagos ostentosamente esculpidos, ou o que resam com humildade as campas simples e rasas dos covaes que todos pisam; o que historiam de quixotescas temeridades os montantes e os escudos de invictos cavaleiros ou o que revelam de romances de alcova e de dramas de paixão os coxins e os escabelos em que repousaram, ou as lhamas e brocados em que se envolveram corpos gentis de castelãs e de princezas...

«Na exumação espiritual das cousas e das personagens, na ressurreição fantasiada dos episódios e dos scenários em que êles se desenrolaram, com a indumentária apropriada, revelava-se, pois, Sousa Viterbo, não openas o investigador frio e insulso que vê e não sente, que escuta e não se sensibilisa, que palpa e não estremece, que contempla e não se comove, mas o artista, na verdadeira acepção da palavra, cuja alma vibra e desperta á menor percussão da corda emotiva ou sentimental.

.....

Dois amores impeliram Sousa Viterbo ás fadigas mais extenuantes e mantiveram nêle inquebrantavel a paixão pelo trabalho: o amor do saber e o amor da familia.

Trabalhou porque precisava de atender, sem intercadencias, ás imposições do seu espirito insaciavel; e trabalhou porque necessitava de acudir aos encargos dum lar ao qual proporcionou sempre existencia facil, Assim, pois, elle, que já em 1899 se queixava, na introdução ao *Diciomario dos Arquitetos*, do «quebrantamento irreparavel das suas forças fisicas» e no prefacio á edição dos *Lusiadas* de 1900, aludia á «escassez da vista, quasi inteiramente apagada» que não lhe permitiu entrar em estudo mais profundo de investigação ácêrca de Camões, ainda onze annos depois desta data publicava e deixava para publicar póstumamente, artigos destinados não só á folha com a qual consubstanciara a sua vida de jornalista, mas a outras revistas e boletins em que frequentemente colaborava, e a livros como os que hão de servir de continuação aos seus trabalhos sobre os pintores, os medicos e os arquitetos portuguêses.

Todo este dispendio de atividade, muito superior ás suas apoucadas forças, concorreu para se lhe apagar mais cedo a luz dos olhos e para que prematuramente se lhe cansasse e depauperasse o organismo.

Nunca tivera uma compleição robusta, e de si poderia dizer o que êle proprio escreveu de Sousa Martins:

«Não encontravamos diante de nós, ao fita-lo, uma destas estruturas cinzeladas caprichosamente pelo estatuario enamorado das tradições da arte grega; o cinzel da natureza nem lhe dera a possante musculatura dum athleta nem os delicados lineamentos dum Adonis. A sua cabeça, porém, impunha-se desde logo e como que nos dizia — *aqui está alguem!*»

E é Viterbo ainda quem, nesse notavel estudo ácêrca do grande mestre da medicina portuguêsa, deixou estas reflexões, ora graves ora jocosas, egualmente aplicaveis ao biografo e ao biografado:

«Ninguem póde pôr em duvida as correlações que existem entre o fisico e o moral, ninguem ha que não adopte o aforismo romano *mens sana in corpore sano;* mas a observação tambem nos afirma... que nem sempre o arcabouço do athleta é o sacrario da inteligencia privilegiada; que nem sempre na caixa craneana do discobolo se abriga tampouco o cerebro dum Aristoteles. O lutador do circo, com a sua musculatura fortemente acentuada, não é o lutador da arena cientifica...

«Ah! se o criterio unico e infalivel para se avaliar o grau de inteletualidade dum individuo qualquer fôsse o seu aspecto fisico, a sua corporatura impecavel, certamente que o meu simpatico amigo Jaime Pinto e o majestoso Bispo de Coimbra, aliás inteligencias lucidas, seriam os tambores-móres do batalhão sagrado da mentalidade portuguêsa, ao passo que Guerra Junqueiro, o franzino, seria apenas um imperceptivel corneta da mesma falange.»

Egual intenção e como que um egual e mal encoberto pensamento de indiretamente defender a sua debilidade fisica contra a suspeita de que éla poderia influir na sua energia intelectual, transparecem neste periodo alusivo a Sá de Miranda:

«Que nos importa a nós que o poeta, como homem, revestisse todas as miserias mundanas, se a sua alma se depurou nas suas canções, se os seus poemas é que são o involucro divino da sua essencia imortal?»

Numa poesia da sua mocidade — *Oblivio* — escrita aos 25 annos, tivera este presentimento cruel:

Eu nasci p'ra viver na imensa escuridade...
Sou reprobo da luz!

e poucos annos depois, nas *Ondas*, do volume *Harmonias Fantasticas*, essa ideia pressaga resurge, mais completa, na predição:

Negaes-me sem piedade a luz, o movimento,
e eu fico a rocha negra á flôr dos escarcéos!

O fatal agouro veiu a cumprir-se com todo o horroroso cortejo dos seus tormentos. A' cegueira juntou se a paralisação dos orgãos locomotores, e esse Tântalo de nova espécie, preso á cadeira do suplicio, sofreu durante anos a condenação mais dura que poderia imaginar a fantasia dantesca.

No meio das suas torturas moraes e físicas, raros eram em Sousa Viterbo os gritos dilacerantes de desespêro. A' semelhança do que êle proprio escreveu de Julio Diniz — e os dois escritores e médicos portuenses oferecem entre si algumas afinidades bem flagrantes — «o sorriso ironico, a lagrima furtiva, o queixume paciente, a saudade lamentosa como o canto de Alcione» aproximavam-no muito mais do resignado Silvio Pellico do que do amargo Schopenhauer.

Na luta contra os escarcéos, a cuja flôr, como poéticamente se exprimira, não ficou sendo a *rocha negra*, mas um baixel frágil e quebradiço, encontrou êle todavia quem por largo tempo o sustivesse á superficie das vagas: fôram as duas creaturas que mais adorou e com quem repartiu as suas alegrias e as suas angústias.

E a admiração perante esse quadro de recíproco amor, em que uma trindade de almas de peregrino quilate disputavam entre si a maior quota de sacrifícios e abnegações, conduz-nos irresistivelmente ao lar de Sousa Viterbo e á contemplação do viver íntimo daquela familia que fez da dedicação mútua uma religião sagrada.

Na sua vida particular, Sousa Viterbo apresenta o mesmo conjunto de raras qualidades de carácter que exalçavam o escritor. Não era o Frei Thomaz do apostolado moral e da propaganda de bons costumes: era em casa e no meio doméstico, o simples e puro reflexo do que patenteava em público e no meio social — um exemplo e um modêlo.

Amara enternecidamente sua mãe, e tomara sempre como titulo de encómio ou de depreciação o amor ou desamor que outros tivessem áquelas a quem deviam o ser. E do mesmo modo que, escrevendo de Sousa Martins, êle apontava como estalão do carácter do honrado médico o seu afecto ilimitado pela mãe, assim também, tratando de Camões e exaltando ao máximo os méritos do épico imortal, não resistiu a este desabafo de amarga censura:

«Uma cousa não te posso eu relevar, meu poéta, é que nunca tivesses tido uma palavra de amor para aquela que te deu o ser, nem que, se a perdeste prematuramente não lhe dedicasses um terceto sequer das tuas elegías.

«Desculpam-te, eu bem sei, com a influência das tradições classicas, mas entre os cantores da tua época alguns houve que feriram nas cordas do seu alaúde os afectos da familia. Caminha, dedica mais de cem dos seus epitafios á comemoração fúnebre dos seus e Bernardes enternecidamente se carteia com seu irmão frei Agostinho da Cruz.

«Sabe-se de cór e festeja se, como divindades do Olympo poético, o nome das mulheres que fôram cantadas pelos grandes poétas... e ignora-se deploravelmente o nome daquelas que embalaram o berço dos genios e que fôram as primeiras a imprimir-lhes no cérebro e a gravar-lhes no coração as ideias e os sentimentos que mais tarde desabrocham numa eflorescencia tropical. As santas que desvelaram as suas noites junto do filhinho estremecido, vêem-se apeiadas do altar que de direito lhes pertencia, substituidas por idolos que muitas vezes não são senão o desespêro e a desgraça daqueles que as turiferaram com o incenso dos seus versos divinos.»

São palavras estas, tão nobres, tão sensibilisadoras, tão generosas e alevantadas, que retinem aos nossos ouvidos como o timbre puríssimo do fino ouro daquele coração!

Se teve por sua mãe o aféto mais extremoso, tambem extremosamente amou aquela que foi a dedicada companheira da sua vida, quer nos anos felizes da mocidade, quer no declinar atormentado da existencia. E essas duas poesias da sua derradeira fase — *Velhice prematura* e *Apreensão de um enfermo* — bem o testemunham. São da segunda dessas composições êstes expressivas versos:

Quando penso que a sorte fementida
Póde afastar da minha cabeceira
A suave e animosa companheira
Consolação de toda a minha vida
.....
Supplico então com toda a veemencia
Que termine o martirio imaginario
O martirio real desta existencia.

Sessão em Homenagem á memoria de Sousa Viterbo

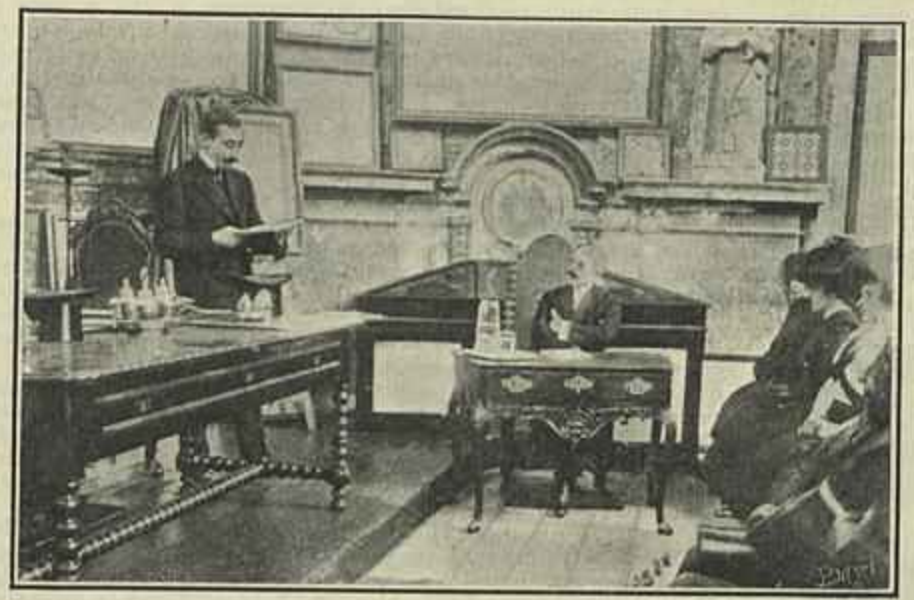
Chegada do sr. Presidente da Republica ao Museu do Carmo

Quem tanto quiz á mãe e á esposa, ¿como não quereria á filha única, e a uma filha que, tanto pela afeição enternecida que êle lhe votou, como pelo papel que veiu a desempenhar no ultimo decenio da vida de seu pae, foi a verdadeira *luz dos seus olhos* para me servir desta significativa e carinhosa expressão popular? Na poesia *Felizes os que morrem* escreveu Viterbo:

Felizes os que morrem á procura
Do seu eden d'amor e a noite escura
Dá-lhe a mancenilha!
Felizes os que morrem; sim, felizes
Quando não tem no coração raizes
D'um coração de filha!

Dessas profundas raizes de amor vivia e alimentava-se, como da única seiva que lhe dava alento, o coração de Sousa Viterbo.

Não admira por isso que para os seus dias tristes tenebrosos

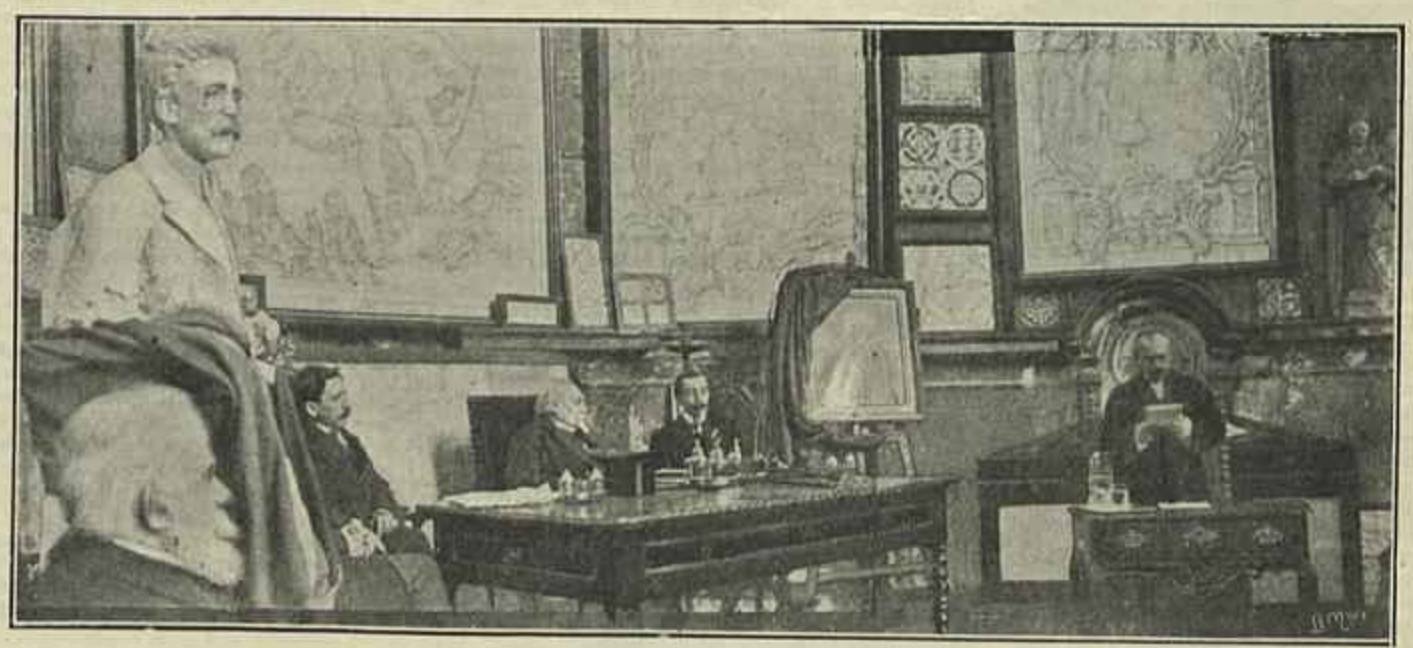


Abertura da Sessão — A' direita a familia de Sousa Viterbo

o sol apenas nascesse quando sentia os lábios da filha ou trazerem-lhe, num beijo de luz, os clarões da sua aurora, ou soltarem lhe, na primeira saûdação matinal, um canto alegre como o da cotovia madrugadora. Era o estado de alma que descrevia nesta linda quadra das *Toadas:*

Eu cá não tenho relogio,
Mas sei as horas que são
Por algumas pancadinhas
Que bate o meu coração.

Junto á campa de Sousa Viterbo foi por Adão Bermudes eloquentemente comparado o último período da vida do escritor ao viver de Oedipo com a sua fiel Antigona ou ao desses dois cegos geniaes que se chamaram Homero e Milton. São justas as comparações que, em Portugal e em épocas recentes, ainda encontrariam, de certo modo, paralelós nas vidas de Castilho e de Camillo Cas-



Leitura do Elogio de Sousa Viterbo pelo sr. dr. Alfredo da Cunha

tello Branco, ambos vítimas de infortúnio semelhante e objectos de semelhantes dedicações.

Mas permita-se-me que eu, por momentos, recorra á história ou á lenda, e evoque a figura dum artista nosso igualmente ferido pela escuridão da cegueira e de cuja mal definida existencia tambem escreveu Sousa Viterbo.

Suponhamo-nos por instantes transportados ás remotas eras do Mestre de Aviz. Deixando estas arcarias do Carmo, entremos pela mão austera do autor da *Abobada* no mosteiro da Batalha e sigamos até junto da casa do Capítulo, tempos antes do arquitéto da maravilhosa obra ir fazer déla entrega ao seu rei e amigo D. João I.

Por entre aquéla máquina de prumos e cabrestantes, de vigas e barrotes, de táboas e cambotas, de escadas e andáimes dos emaranhados simples, no meio da ampla crasta, ressuscitemos a figura heróica de Afonso Domingues, tal qual o historiador nol-a pinta nesta sugestiva página das *Lendas e narrativas:*

«A luz dos olhos tinha-lha de todo apagado a velhice; mas as suas feições revelavam que dentro daqueles membros tremulos e enrugados morava um animo rico de alto imaginar: as faces do velho eram fundas, as maçans do rosto elevadas, a fronte espaçosa e curva e o perfil do rosto perpendicular. Tinha a testa enrugada como quem vivera vida de continuo pensar e correndo com a mão os lavores da pedra sobre que estava assentado, ora carregando o sobr'olho ora deslisando as rugas da fronte, repreendia ou aprovava com eloquencia muda os primores ou as imperfeições do artifice que copiara á ponta de cinzel aquéla pagina do imenso livro de pedra a que os

THEATRO DE S. CARLOS — Soprano Lucia Crestani

TEATRO REPUBLIÇA — Auto da Barca do Inferno, scena final

espiritos vulgares chamam simplesmente o mosteiro da Batalha.»

Mas depois de rememorado este retrato do velho arquitéto, em que eu julgo vêr, traço a traço, o perfil, já encanecido, do moderno escritor que ha um anno se extinguiu, voltemos, num vôo de imaginação, dêsses longíquos tempos aos dias de hoje. E em vez dos coruchéus e das rosáceas, dos arcos e das naves de pedra de Santa Maria da Vitoria, contemplemos esse monumento portentoso de investigação e de paciencia que Sousa Viterbo ergueu á força de estudo e de talento. Não o construiu éle com traça menos arrojada do que a daquélas colunas e arcarias, com firmeza e segurança menos inabaláveis do que as da indestrutível abóbada da casa capitular, com fantasia menos caprichosa do que a dos lavores dos claustros e dos rendilhados e filigranas das janélas e portadas do histórico e admirável templo.

No meio desse edificio que levou dezenas de anos a arquitétar e executar, confiado no rigor do seu trabalho e na pujança do seu engenho, tateando as estantes da sua bibliotéca e as rimas de apontamentos e anotações das suas pesquisas, palpando os seus manuscritos e os seus livros — pedras, alicerces e simples da sua formidável obra — chamemos de novo á vida o artista e o erudito, e vêl-o-emos ressuscitado com as mesmas côres e os mesmos traços fisionómicos, os mesmos gestos e as mesmas atitudes com que na prosa máscula de Herculano é descrito o mestre da Batalha, no meio da ampla quadra da casa do Capítulo durante os dias de jejum a que por voto se condenára para mostrar ao rei e ao povo que a abóbada «estva firme como se fôra de bronze».

Do mosteiro de Santa Maria da Vitória dizia Afonso Domingues orgulhosamente, dirigindo-se a D. João I: «Este edificio é meu, porque o gerei, porque o alimentei com a substacia da minha alma.» ! Tambem do seu edificio monumental de erudição e de ciencia Sousa Viterbo podia com desvanecimento afirmar que era bem dêle, porque o gerara e fecundara com o seu talento e o fortalecera e iluminara com as próprias energias do seu corpo e a própria luz dos seus olhos!

E — complete-se o símile entre os dois artistas cegos — se Afonso Domingues teve a mais ardente devoção filial em Martim Vasques, o seu melhor «oficial de pedraria», aquêle que o velho arquitéto apresentava ao rei como «o homem que seria capaz de continuar dignamente a série dos arquitétos portuguêses», Sousa Viterbo semelhantemente encontrou na filha estremecida o seu melhor oficial de lavor literário, aquéla que bem poderá continuar, completar e dar a lume a série dos trabalhos inéditos legados por seu pae.

•

Eis-me, com fadiga e enfado para quem me escutou e com a convicção cada vez mais radicada de que o panegirista se mostrou, por muitos motivos, inferior ás exigencias do panegírico, chegado ao termo do trabalho cometido.

Mas ao findar eu desejo que, mais e melhor do que o timbre frouxo da minha voz, possa ainda ficar perdurando em quem me escuta um éco do verbo querido do amigo e do mestre.

Sirvam-me, pois de fecho de ouro a respeito de Sousa Viterbo as palavras que um dos mais altos, nobres e lidimos vultos da literatura nacional — Sá de Miranda — ao próprio Sousa Viterbo justíssimamente inspirou. São conceitos que, letra a letra, pódem aplicar-se á obra e á vida daquêle a cuja gloriosa e amada memória aqui viemos render preito:

«O homem define a obra: a obra define o homem. Completam-se e explicam se mutuamente.

«Não é facil encontrar muitas vezes no nosso caminho uma figura diante da qual nos possamos descobrir respeitosamente com tão justificada veneração.»

ALFREDO DA CUNHA.

Medalhões artisticos

Lucia Crestani

Esta distincta cantora que acaba de pisar pela primeira vez o palco de S. Carlos, é uma artista de nome feito e consagrada nos grandes theatros de Italia e da America, onde o seu nome tem figurado nos principaes elencos de companhias lyricas.

Lucia Crestani, conta poucos annos, tendo aprendido a difficil escola de canto na sua terra natal, Verona.

Hoje em dia, a arte lyrica tem muito mais serias responsabilidades que antigamente; hoje o repertorio de opera não só pede um *cantor*, mas tambem um *actor!* Qualidades que raras vezes encontramos juntas. Por isso, *sopranos* que saibam aliar o canto ao dramatico com plena intelligencia artistica, são hoje difficeis de se encontrar.

Ora Crestani, apesar de nova, possue essas qualidades!

Artista intelligente, encarna-se nos papeis que tem que apresentar ao publico, fazendo vibrar a nota do realismo, ao passo que o canto não é mais que o complemento da acção, como pensa Wagner.

Crestani, possue uma linda voz, de agradavel timbre, egual, cantando sem esforço. As notas sahem-lhe limpidas, fazendo vibrar o sentimento, com toda a gamma da sua alma de artista.

Fez a sua apresentação perante o publico de S. Carlos com a opera *Aida* de Verdi, trabalho que marca a *pedra de toque* dos sopranos! Crestani, revelou-se desde logo uma cantora de merecimento, cahindo logo nas boas graças do publico que a victoriou toda a noite.

Depois da *Aida*, tivemo-la no *Mefistofeles*, na qual Crestani teve as honras da noite, nos dois papeis *Margarida* e *Helena*. E' uma artista consagrada pelo publico de Lisboa, e estamos certos que em outras operas alcançará o mesmo enthusiasmo! E' uma cantora que deverá ser recondusida, pois artistas, como Lucia Crestani, não são muito vulgares.

Estas palavras não traduzem o *facil elogio*, é a verdade, e ahi está o seu trabalho para corroborar as nossas palavras.

ATYS.

PELOS TEATROS

República

A festa artistica do estimado actor Augusto Rosa, uma das figuras proeminentes da scena portuguêsa, teve para nós um duplo interesse, qual foi o de testemunharmos àquêle actor o muito que o apreciamos e por se ter representado um auto de Gil Vicente, chamado da *Barca do Inferno*, que o distinto poeta Afonso Lopes Vieira preparou para subir á scena nos nossos dias.

As modificações que sofreu não lhe fizeram perder o sabôr e á linguagem foi conservado o cunho antigo.

Foi, portanto, um acontecimento notavel e muito para louvar pois que o teatro de Gil Vicente é quasi desconhecido da maior parte do nosso público.

O *Auto da Barca do Inferno* é a primeira parte dessa famosa trilogia conhecida pelo *auto das três Barcas*.

Foi representado em 1517 na câmara da rainha D. Maria pouco antes de ella falecer.

O extraordinário desassombro com que são tratadas as classes predominantes da época mostram bem o espírito liberal de Gil Vicente.

Alí se apontam os vícios e os crimes da sociedade dêsse tempo dando-se o prémio ao bom e o castigo ao mau.

Mas merecedôres de prémio apênas um tôlo e os cavaleiros de Cristo que morreram na peleja pelo Cristianismo, emquanto que frades, fidalgos, juizes, etc., merecem o castigo.

Era a infância da arte dramática em Portugal e, contudo, o seu glorioso mestre subiu tão alto que se tornou uma das figúras de maior esplendôr da nossa historia.

Coliseu

Reapareceu a companhia italiana de operêta *Citta di Firenze* que no verão passado foi o único passatempo razoavel que houve em Lisbôa. Vem, sem dúvida, mais completa e os novos artistas que dela fazem parte nada ficam a dever aos que na outra época ali vimos.

Têm-se representado operêtas francêsas e alemãs já conhecidas como a *Viuva Alegre*, *Saltibancos*, *Sonho de Valsa* e *Princêsa dos Dollares*.

Os novos artistas são Lina Paulina Sartori, um soprano muito apreciavel que sabe dar aos seus papeis um extraordinário realce para o que contribue a sua figura elegante e a sua magnifica expressão fisionómica; Atte d'Osten que tem uma voz de contralto ás vezes um pouco aspera mas muito volumosa e segura e que nos *Saltimhancos* mostrou o que valia como cantora.

O tenor Gianni Sartori, tem uma bela voz e é tambem um dos melhores elementos da companhia.

Os restantes artistas principais, já conhecidos do público, são Nelly Castagnetta, Bianca Bagnoli, Humberto Bagnoli, Oreste Pecori e Pietro di Gonti

No desempenho da *Princêsa dos Dollares*, Lina Sartori salientou se por modo a agradar-nos bastante pela feição que deu ao seu papel de Alice Conder.

Temos visto interpretado êste papel por tantas actrizes que fácil é estabelecer um confronto.

Daí resulta que o modo por que esta actriz soube vencer a dificuldade de exprimir, por uma fórma que não se tornasse diferente do espírito da peca, o caracter da personagem, é verdadeiramente notavel.

Ela teve bem aquela vaidade feminina que se apoia nos dotes de beleza e no poder dos milhões, julgando se por isso invencivel. Mas essa vaidade dava a ela a conhecer mostrando-se astuciosa ainda que convicta da sua vitória.

E' nesta passagem do 2.º acto que mais se póde apreciar a interpretação que a artista lhe dá.

A direcção musical do maestro Dominico Bazan é bôa.

Em resumo, são espectaculos que, na nossa franciscana pobreza de coisas de teatro, nos proporciona umas horas agradaveis.

Honesta!

Sê pura como a dhalia e como o lyrio
E os cravos d'oiro no Azul... Engasta
N'essa grinalda toda pura e casta
A pudica açucena do martyrio.

Ai! custa a ser honesta! No certamen
Da Vida pode haver um sacrificio!...
Guarda a tua Pureza n'um velamen,
Onde não chegue a podridão do vicio...

E faz d'essa alma um rutilo sacrario
De Amor, que seja santo, — um hostiario
Consoladôr das minhas agonias...

E já que n'este mundo não me resta
Senão chorar meus dolorosos dias,
Senão soffrer por ti... sê boa, honesta...

E. M.

Chronicas Lyricas

Theatro de S. Carlos

Boheme (1.ª e 2.ª edição), *Manon*

Depois de termos applaudido, aliaz com justiça, as operas *Butterfly* e *Aida*, tivemos duas *Bohemes* de Puccini, qual d'ellas a peor!

Nunca gostámos de dizer mal, mas ha coisas que não devemos deixar passar, demais quando nos prezamos de dizer sempre a verdade.

Na primeira audição da opera, apenas se salvou a sr.ª Matini *(Mimi)*, cantora correcta, bonita voz, e que volta ao nosso theatro lyrico, com muito mais pratica de theatro. Quando ha annos, com a empreza Paccini, cantou o *Lohengrin*, *Mestres Cantores* e *Amigo Fritz*, já nós dissémos que era uma artista de futuro.

Os restantes, é melhor não falar n'elles...

Quando pensavamos que não teriamos mais *Boheme*, tivemos outra com algumas substituições, o resultado foi desastroso, pois nem a Matini tivemos!

Mal andou a empreza, em apresentar espectaculos assim, demais em principio da sua primeira época, mas... tudo se poderá remediar, e estamos certos que teremos boas noites de musica.

•

Não tivemos a *Manon* de Massenet com Rosina Storchio, pois esta levantou vôo, por motivos que já não vále a pena falar, foi substituida pela sr.ª Matini que teve que luctar com um terrivel confronto. Nos principaes trechos da opera esta distincta cantora satisfez e foi applaudida.

O tenor Del Ry, embora com bonita voz, não nos fez esquecer o grande trabalho de Fernando Carpi; Del Ry não tem *meia voz*, d'ahi o seu trabalho sahir com pouco brilho. Os restantes artistas discretos.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

A POBREZA SUECA

POR

C. J. L. ALMQVIST

Uma das figuras mais proeminentes da literatura sueca é por certo Carlos João Luiz Almqvist que nasceu em 1793.

Desenvolvendo os seus dotes espirituais e as suas qualidades de escritor emérito produziu uma obra muito extensa e complexa.

Publicando livros sobre ensino elementar, gramática, matematica, e historia foi tambem um romancista e um poeta distinto tendo por titulo as suas obras mais considera as Amorina, Os senhores de Ekolsund, Amélia Hillner e Gabriela Mimanso.

Filósofo e um observador profundo produziu êste belo trecho que segue extrahido do *Livro da rosa* em que se encontra a par de um sentimento elevado, uma concepção invulgar.

A pobreza sueca

Na Suécia o povo e as classes superiores tentam debalde ter relações económicas e exteriores que por fórma alguma são para desprezar e não estão menos immensamente separados, dir-se-ía que quasi inimigos, em tudo o que é profundamente humano, na concepção da natureza, da vida e da côr sob a qual se devem encarar as coisas.

Donde nasce, por exemplo, o grande mal estar que as pessoas das classes burguêsas sentem de ordinário, quando estão numa reunião de aldeões por pouco que ela se demore além do tempo necessário para os negócios ou para satisfazer a curiosidade?

E, inversamente, a que se deve atribuir a falta de desembaraço, a atrapalhação e a aspereza que os aldeões manifestam quando, por acaso, são forçados a estar algum tempo entre os burguêses?

Isto tem uma razão mais profunda que a simples diferença de mistéres ou de ocupações quotidianas. Mas qual é? As classes elevadas têm uma cultura que não é a da nação. Os seus estudos são pouco suecos. O seu entusiasmo dirige-se para o que é estrangeiro. Comem e dormem na Suécia mas os seus peitos respiram mais agradavelmente na Alemanha ou na França, às vezes em Inglaterra, talvez tambem em Roma ou na Grécia. Note se que elas não são menos suecas por terem o coração e o espírito abertos ao que é alemão, francês, inglês, romano ou grego, mas porque todos os gôstos estrangeiros das nossas almas burguêsas não são, salvo raras excepções, *baseados num sentimento sueco.*

Se pela sua vida profunda e pelo seu amôr, uma pessoa está ligada à Suécia e daí contempla com arroubamento o que ha de belo, de nobre, de encantadôr noutros países, noutros tempos e noutros povos, não deixa por isso de conservar a sua nacionalidade.

Mas se a necessidade de beleza que sente um sueco apênas se satisfaz com as distracções do estrangeiro sem gôsto fundamental pelo encanto sueco, toda a sua pessoa, embora tenha nascido na Suécia, tomará um caracter de *generalidade;* hade faltar-lhe uma originalidade nacional, uma côr individual que a tornaria uma interessante *personalidade;* não ouvirá em volta de si as vozes da natureza, não as hade ouvir, não as hade apreciar e não hade sentir que vive nela...

Se nasceste na Suécia e se ainda tiveres um espírito juvenil, aberto às impressões, sae e mistura-te ao povo; principalmente não desprezes nada nem ninguem. Olha para as folhas verde-claro das nossas arvores que não são cheias de seiva nem verde-carregado como as dos países meridionais. O nosso amôr verdadeiro, na Suécia, não é feito de desejo, é-o antes de frescura, de pobreza, de solidão, de miséria e algumas vezes talvez de alma e de ceu.

E' dificil dizer porquê mas é assim. Aprende a suportar alguns rigôres que são deste país e que talvez te molestem o côrpo e te estraguem o vestuário mas que não irão despedaçar o fundo do teu coração. Habitua te às privações. E quando tiveres de te privar e de suportar mostra-te alegre. Se te mostrares adverso às asperezas é porque tens àlguma coisa de estrangeiro no sangue...

Ora ha uma única coisa — uma coisa muito grande — para a qual o sueco, entre todos os europeus, foi votado: a pobreza. Se lhe podessemos aprender o uso, unicamente! Ela possue nos aqui, mais ou menos, a todos; mas ha entre nós muitos que não se acomodam bem ao caracter essencial que nos foi dado por Deus. O suéco é pobre. Se aceita isso encontrou o ponto central da sua nacionalidade e é invencivel.

Para que os meus leitores não tirem daqui conclusões que estou longe de lhes querer sugerir, faço notar já que não disse ser a pobreza uma coisa que se devesse procurar ou um fim a atingir.

Porêm, quando uma pessoa se encontra na situação de ser pobre é quando não póde contar com nada de terrestre mais do que consigo proprio. Não sossobrar, manter se em pé, encontrar na sua propria pessoa e desenvolver organicamente toda a fôrça necessária, é *saber* ser pobre.

Saber desembaraçadamente com uma liberdade, uma actividade, uma independência inteira encontrar em si proprio uma fonte inexgotavel e aproveitar-se dela com habilidade, dextreza e rapidez para obter os meios de se livrar de dificuldades, é essa faculdade a propria essência do espírito suéco tal como Deus e a nossa natureza o fizeram. *Saber ser pobre quando é preciso* sem medo e sem perigo é o proprio aspecto das nossas paisagens que no-lo ensina e nisso não se compreende sómente a situação do nosso côrpo mas tambem a da nossa alma.

Na Suécia não é necessário procurar a pobreza. Ela é um dote da natureza: não é o fim, é a origem.

Ser pobre não é um capricho politico ou religioso, é a situação do suéco no mundo. Se êle se acomoda a esta natureza possue muita fôrça. Eis do que é capaz, acima de tudo, o aldeão suéco e eis o que as classes elevadas precisam de aprender se quizerem alcançar o dominio do caracter nacional suéco.

Essa faculdade de o suéco se achar forte na pobreza constitue um dos segredos, ainda que muitas vezes profundamente escondido, do seu caracter.

Tudo o que parece contradize lo é um enxerto importado do estrangeiro, cultivado e espalhado no paiz por pessoas das classes elevadas, cujos antepassados na maior parte são de origem estrangeira e que quasi sempre fazem uma lastimosa figura na sua pobreza, dando assim uma nova prova da sua falta de caracter nacional.

Pelo contrário, ao aldeão suéco não custa ser pobre. Póde trabalhar muito e economisar mas, de ordinário, gasta aquillo que economisa.

«Os suécos vivem acima das suas posses» tornou se um proverbio.

O suéco quasi nunca é laborioso no sentido francês e alemão e ainda menos económico como o russo ou o judeu. Ao passo que o estrangeiro junta para amontoar dinheiro, o suéco junta para o gastar. A pobreza é o seu estado normal, a abastança um estado interino, a riqueza um pequeno jôgo com que se se diverte de tempos a tempos. Juntar para gastar e muitas vezes *sem prazêr*, sem intenção, isso toca o absurdo, é suéco.

Assim se faz quando a pobreza é a condição natural e a riqueza um gracejo.

E'-se então independente não apênas do dinheiro mas, o que é mais ainda, é se mesmo independente do fruto que dêle se costuma esperar: o prazêr. Isto é que nenhum estrangeiro poderá compreender ..

E quando o suéco está bem inteirado do segrêdo do seu caracter, tem uma fôrça que por ter aparência de fraqueza e de ligeireza, não deixa de ser o contrário tornando-o livre por uma forma maravilhosa. Até ás vezes os que se riem dêle ficam estupefactos.

O primeiro erro que se deve evitar neste assunto é supôr se que eu sustento como bom ou como necessário para o suéco gastar sem proveito o que tiver economisado. Não. Ele póde muito bem guarda-lo. Contudo *deve ser assim para que o possa abandonar.*

Isto póde parecer um trocadilho de palavras mas não é nada disso. Poder abandonar tudo, diz-se por essa liberdade de espírito, por êsse desprendimento que vae não apênas á propria fortuna mas ao seu fruto, «o prazêr» e pelas quais o suéco conserva o seu carater distintivo de *sempre saber ser pobre.*

Tem então a fôrça de, a cada momento, se levantar, livre de todos os laços, apoiando-se exclusivamente sobre a sua propria pessoa e sobre nada mais no mundo.

Nêsses momentos sente Deus dentro de si e a seus pés a terra inteira.

Olhando o, póde parecer-nos andrajoso e imundo, mas anda de cabeça levantada e olha em volta de si com os olhos de um homem que em toda a parte está em sua casa. Essa energia, essa docilidade que deixam que êle se desembarace da riqueza são a verdadeira nobreza do sangue suéco.

(Conclue)

A. DE MELLO E NIZA.

O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro 1911

Barometro — Max. altura 73mm.4 em 22 e 27.
» Min. altura 51mm.7 em 12.
Termometro — Max. altura 17°.1 em 18.
» Min. altura 5°.6 em 29.
A chuva registada em 24 horas, no dia 20 de dezembro, atingiu a altura de 61mm,2.
Nebulosidade — Ceu limpo ou pouco nublado 6 dias.
» » nublado 18 dias.
» » encoberto 7 dias.
Nevoeiro — Em 3, 21, 22, 26, 27, 28 e 31.
Vento dominante — SW.

Entre meninos, ao almoço:
— O meu ovo está frio. E o teu?
— O meu tambem.
— De certo a criada ferveu os nossos ovos em agua fria.

Calendario Reclamo de Portugal — *Edição da Casa E. da Cunha e Sá.* E' uma inteira novidade entre nós este calendario, como calendario de escritorio, como em ser ilustrado em todos os 366 dias de que se compõe o ano de 1612. com gravuras representando vistas, monumentos e costumes do país e dos dominios portuguêses em Africa, na India, etc.

Eis a razão do titulo *Calendario Reclamo de Portugal*, que seguramente vai ter a maior aceitação do publico.

Muitas das gravuras são impresas a côres o que mais aumenta a sua belesa e torna este calendario um verdadeiro mimo, sendo o seu custo apenas de 500 réis, o que é extremamente barato, atendendo ao numero de gravuras que o ilustram.

Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal, n.º 12 do 5.º anno, profusamente ilustrado de gravuras de vistas de Portugal e costumes das nossas provincias, com o seguinte sumario literario: Pro Patria — Em favor do excursionismo — Serras de Portugal: A serra da Estrela, Pelas serras, Serra do Gerez — A obra da *Propaganda:* O desenvolvimento do *turismo* — Aos nossos consocios: A quota de 1912.

O palco, *Revista Teatral* — Director: E. Nascimento Correia; Desenhador, José Mergulhão; Fotographo, Alberto Lima; Propriedade da Empresa do *Palco*, Lisboa, Editor, E. da Cunha e Sá. Nemero 1 desta revista que se apresenta nitidamente impressa, com grande variedade de artigos sobre teatros, reproduzindo tambem algumas scenas das peças que estão sendo representadas nos nossos palcos, assim como retratos de artistas.

Almanaque Alegre para 1912, *Colaborado pelos melhores escritores humoristicos*, 2.º anno de publicação pela casa editora E. da Cunha & Sá, Lisboa e Porto. No seu genero é este um dos melhores almanaques que se publicam, pois além de um desenvolvido calendario e de tabelas de utilidade, tem uma colaboração literaria muito engraçada, e ilustrado com gravuras não menos engraçadas, formando o conjunto efetivamente um *Almanaque Alegre.*

Narrativas e lendas da Historia Patria. O Infante D. Henrique e os trabalhos nauticos dos portuguêses. IX vol. da *Bibliotéca da Infancia*, Alfredo David, editor, Lisboa, rua Serpa Pinto, 30.

Aqui nos temos já referido por vezes a esta interessante bibliotéca, que veio preencher uma lacuna que havia de livros de leitura para a infancia, tão amenos quanto instrutivos, sobre a historia patria, em que poucas como a nossa, oferecem tão bons exemplos educativos, proprios a formar o caracter e a alimentar o amor de um povo á sua patria e autonomia.

A descrição de tantos feitos heroicos de nossos maiores, o saber quanto trabalharam e coo-

COLISEU DOS RECREIOS

Soprano Nelly Castagnetta

Soprano Alda Rubin

peraram para a civilisação que o mundo hoje atingio, são tudo factos que recordam a vida do *Infante D. Henrique*, que fórma o assúnto do livro agora publicado, e nenhum como este mais de molde para o benemerente fim a que se destina — educar a infancia.

Este volume é, como os precedentes, lindamente cartonado em percalina de côres e dourado, que o seu editor, Alfredo David, verdadeiro artista encadernador, apresenta como um mimo para ser oferecido ás creanças, especialmente neste tempo de brindes.

Coisas Minhas, por Natividade Ximenez. Cernadas & C.ª Livraria editora.

E' um livro de pequeninos quadros literarios que se lê sem aborrecimento em duas breves horas. Não podemos deixar de confessar que a autôra não é absolutamente destituida de certo talento e perspicacia. As suas figuras são por vezes bem desenhadas.

Fóra-de-Scena, por Lucinda do Carmo. Cernadas & C.ª Livraria Editôra.

Lucinda do Carmo veiu provar nos que a actriz portuguêsa póde bem não ser a criatura alegre e leviana que muitos nella sómente consideram. A

Maestro Domenico Bazan

sua pequena obra conseguiu por vezes distrair nos e interessar-nos, principalmente nos seus monologos e algumas das suas prosas.

Novo Altar, acto em verso — **Má-Sina**, peça em 3 actos por Bento Mantua. Cernadas & C.ª Livraria Editôra.

Os nossos leitores certamente já conhecem estas peças dramaticas, de as vêr representar, uma no Teatro Apolo, e a outra no Teatro Nacional. São do bem conhecido dramaturgo Bento Mantua. Apresentando, pois, o nome do autôr, escusado é dizer que estas obras que temos á nossa frente são corréctamente feitas.

Manhã — Mais uma nova edição de uma linda poesia, *Manhã*, acaba de ser lançada no nosso mercado.

Esta poesia, tão inspirada e tão bafejada do perfume campesino, foi premiada no concurso poetico dos «Jogos Floraes» realisados em junho de 1908.

João Maria Ferreira é bem conhecido no nosso meio literario, as suas obras *Tristão* e *Ino á primavera*, que foram recebidas pela critica de Lisboa e Porto com o maximo dos encomios, marcaram o seu talento de poeta.

Ao autor agradecemos a oferta do exemplar da sua poesia *Manhã* (3.ª edição).

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CONTRA A TOSSE — XAROPE PEITORAL JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Produto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debeis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis
Cada lata » » » . 240 »

A' venda em todas as pharmacias